

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS (MESTRADO)

Instituto de Letras e Artes

- Teoria da Literatura
 - Linguística Aplicada
 - * Recredenciado pelo parecer nº 846/85 do C.F.E. de 05/12/85
- Informações: ILA - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3176

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- História Ibero-Americana
 - História do Brasil
 - * Recredenciado pelo Parecer nº 710/88 do C.F.E. de 02/08/88
- Informações: IFCH - (051) 339-1511 - Ramal 3295

- Antropologia Filosófica
 - * Recredenciado pelo Parecer nº 818/84 do C.F.E. de 06/12/84
- Informações: IFCH - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3189

Instituto de Biociências

- Zoologia
 - * Credenciado pelo Parecer nº 916/87 do C.F.E. de 23/11/87
- Informações: IBIO - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3148

Faculdade de Odontologia

- Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial
 - * Recredenciado pelo Parecer nº 123/86 do C.F.E. de 21/02/86
- Informações: FO - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3123

Faculdade de Educação

- Administração da Educação Brasileira
 - Desenvolvimento da Pessoa e Educação
 - Educação Brasileira e seus Dominantes
 - Educação, Saúde e Comunicação
 - Ensino e Educação de Professores
 - * Recredenciado pelo Parecer nº 816/89 do C.F.E. de 03/10/89
- Informações: FED - Fone: (051) 339-1511 - Ramais 3220 e 3235

Faculdade de Serviço Social

- Metodologia do Serviço Social
 - * Credenciado pelo Parecer nº 491/86 do C.F.E. de 04/08/86
- Informações: FSS - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3330

MIROEL SILVEIRA

Cassiano Nunes - UNB

Pedem-me que escreva sobre Miroel Silveira, falecido há alguns meses, de quem provavelmente fui o principal amigo íntimo, como se poderá ver por este desativado depoimento. Procuram justiceiramente homenageá-lo. Homenagem, neste caso, é revelar os elementos criadores de uma pessoa que não teve a oportunidade de ficar amplamente conhecida. Acompanhei Miroel Silveira em muitas circunstâncias públicas e particulares: nosso convívio sempre foi pleno de confidências. E, não obstante nas últimas décadas termos vivido em cidades diferentes, esse distanciamento forçado não esmoreceu o nosso afeto. Constantemente o visitava em São Paulo e ele algumas vezes veio visitar-me em Brasília. Além disso, as depressões nervosas, que me acometeram, obrigaram-me a asilar-me em sua casa singela mas acolhedora (creio que Miroel alimentava o ideal de uma casa caipira). Primeiro, af por 1970, quando me recebeu por uns poucos meses, receoso de que, numa clínica, eu não melhorasse. Essa estada no salubre bairro de Tremembé, no ambiente meio rural que a habitação rústica do escritor aparentava, concorreu decerto para a minha cura, que se efetivou poucos meses depois em Brasília. Após 1985, por três vezes aceitei a sua hospitalidade carinhosa, buscando o fim dos meus padecimentos, e encontrei nele sempre a maior dedicação.

Entretanto, é claro que o nosso convívio mais longo e intenso, o compartilhar de sonhos, a ajuda mútua, tudo isto aconteceu muito antes. Creio que conheci pessoalmente o autor de CAIU NA VIDA em 1940. Literalmente e já não me era estranho. Anos antes, quase menino, no "Boletim de Ariel", lera o seu admirável conto "Meu Filho". A colaboração freqüente de Miroel no "Diário" de Santos, sobre os acontecimentos artísticos da cidade - manifestação existente que escandalizava a sociedade local, aburguesada, convencional - já chamara a minha atenção para o seu nome. Sabia naturalmente que era filho de Valdomiro Silveira e sobrinho de Agenor, o reputado filólogo, ambos amigos de Martins Fontes. Ele era o rebento entusiasta de uma geração justamente consagrada. Contudo, curiosamente quem me levou a conhecer Miroel Silveira, meu conterrâneo, colega no campo das Letras e residente, como eu, em Santos, foi um forasteiro: Osvaldo Alves, escritor mineiro que não há muito alcançara algum sucesso literário no Rio. Conhecera Osvaldo numa visita que fiz ao Clube de Regatas Saldanha da Gama, onde tinha ido por motivo de esporte. Osvaldo, todo absorto pelo ideal literário, sem entusiasmo tentava cumprir os encargos de secretário executivo da entidade. Essa vinda de Osvaldo para Santos, mineiro em processo feliz de carioquização, portanto, pouco explicável, a meu ver, fora obra de Miroel

Silveira, que conhecera, alguns meses antes no Rio, o seu colega de letras de Pompeu. Ambos tinham sido premiados no sensacional concurso de contos da prestigiosa publicação literária "Dom Casmurro" (Oswaldo ganhara melhor colocação). Miroel, nadador do Saldanha da Gama e amigo do dr. Ariosto Guimarães, presidente do clube e homem inteligente e sensível, fora o originador da oferta do emprego e da mudança do moço de Minas, do Rio para Santos. Eu, nos meus vinte anos delirantes - meu delírio de literatura começara em 1937 com a publicação de crônicas e artigos no suplemento literário de "A Tribuna", matutino tradicional da cidade - fiquei fascinado por Oswaldo que me narrava vivamente a vida literária do Rio. Oswaldo naturalmente me levou a Miroel, mas a amizade entre mim e o contista de "Meu Filho" não se desenvolveu logo. Este se ligava a outras pessoas, especialmente a um grupo de jovens interessado em ballet. Dessa turma, destacava-se pela juventude, beleza e gosto pela Arte, Cacilda Becker. Por outro lado, o poeta passadista Manoel Moreyra, amigo afetuoso, me levava a conhecer Cid Moreira, filho de Agenor e primo de Miroel. Cid pouco depois me convidou a participar de um grupo de experiências literárias, que estava pensando em organizar. Este grupo não tardou em se formar e ficou sendo conhecido como *pesquisador*. Já naquele tempo procurava superar as limitações do modernismo. Com esse intento, Francisco De Marchi, Ney Guimarães, Maurício Roitman, Miroel Silveira e eu, sob a orientação de Cid, nos reunimos. No entanto, Miroel nunca sentiu a menor inclinação pelo pesquisismo, isto é, pelas idéias estéticas renovadoras debatidas. Dava-nos, no entanto, o seu apoio de amizade sempre caloroso. Foi, nesse momento, que nossas relações de amizade se estreitaram. É quando Miroel muda completamente de vida: abandona a advocacia (o tradicional escritório do seu pai) e o compromisso conjugal. Quixotesco, decide dar uma forte colaboração ao estabelecimento de um teatro brasileiro moderno e de alto nível. Era um contista consagrado, mas o seu direcionamento para o Teatro baseava-se mais no arrojo e numa paixão do que em experiência, prática. Na verdade, essa aspiração por um teatro brasileiro de qualidade era partilhada por uma elite intelectual, especialmente do Rio e de São Paulo. As relações muito estreitas de Miroel com Dulcina e Maria Jacinta, que já esboçavam o "Teatro de Arte", vinham há algum tempo fortalecendo o seu plano de dedicar-se ao Teatro. Conversas de Miroel com Cacilda Becker, dançarina, levaram-na decerto a optar pela arte dramática. O trânsito do provincianismo começa a sua nova e perigosa carreira, orientando intelectualmente a novel companhia de Bibi Ferreira. Largando esse encargo, Miroel vem a Santos com um fito financeiro: levantar uma razoável quantia, composto por quotas de amigos e admiradores para criar uma companhia teatral inovadora (particpei com quota mínima). Baseado neste capital, Miroel, no Rio, profissionaliza "Os Comediantes", grupo amador sofisticado, de boa qualidade. Miroel assume a direção de "Os Comediantes", com a assistência técnica e intelectual do grupo Ziembinski: contrata Olga Navarro, que acaba de voltar da Itália, Maria Della Costa, que

conhecera principalmente no elenco de Bibi Ferreira, Cacilda Becker, sua amiga de Santos. Esta nos "Comediantes", teve a oportunidade de, com esplendor, concretizar os seus sonhos juvenis que pareciam irrealizáveis nas limitações da província. As dificuldades financeiras (o elenco era numeroso, de grande valor e bem pago) e os desentendimentos entre os seus componentes, levaram "Os Comediantes" a encerrar suas atividades. Miroel volta para Santos, tuberculoso e falido. Felizmente, é acolhido por sua mãe viúva, que lhe garante a subsistência. Neste instante, de grandes preocupações, vi-me obrigado a partir para os Estados Unidos, para não perder o privilégio de uma bolsa de estudos. Como o famoso violonista Laurindo de Almeida, que, menino, fora meu vizinho na lamacent e proletária Rua Paraná, dirigia-me para o "colosso do Norte", em busca da vitória de um ideal. Um ano após, terminado o curso a que me propusera, estava de novo em Santos, satisfeito por ver que Miroel se achava em franca recuperação. É nesta hora que, sobretudo, para dar um Não à Morte, ameaça visível, que o teatrólogo inicia uma relação amorosa, absorvente e penosa, que se torna o objeto fundamental de sua vida. Essa ligação, que bem prova a persistência, a fidelidade de um intelectual às duas aspirações, só terminou com a sua morte. Faço a referência a esse fato de intimidade porque os percalços dessa união desigual influenciaram de modo negativo a sua carreira.

Curado de sua enfermidade, o idealista radica-se em São Paulo e entrega-se a uma luta tenaz pela sua sobrevivência e a manutenção do seu sonho. É secretário de jornal de exibidores cinematográficos, funcionário da Pel-Mex, programador do Teatro Natal, publicitário... Responsabiliza-se por uma coluna num grande jornal e faz programas de rádio como mais tarde colaborará com a televisão. E tudo isto se desenrolava sem que ele deixasse de dar a sua colaboração ao Teatro. Secretariando "Radar", impressiva e provativa publicação sobre rádio, arte e divertimentos públicos - criação de seu sobrinho Ênio Silveira -, Miroel se opôs audaciosamente à extraordinária instituição que era o Teatro Brasileiro de Comédia contrapondo-lhe o projeto de um teatro nacional, popular, que singularmente não tardaria a despontar com a criação do Teatro de Arena. Associando-se a Maria Della Costa e Sandro Polloni, fundou o Teatro Popular de Arte, que teve excelentes temporadas e foi a base do edifício do Teatro que ganhou o nome dessa atriz. Mas o escritor não persistiu com o casal em referência.

Em 58, deixo São Paulo em definitivo, Primeiro Assis, depois Nova Iorque, e por fim Brasília, onde cheguei em janeiro de 66, afastaram-me de São Paulo e Miroel, que aí se radicara. Mas nossa amizade nem por isto esmoreceu. Quis a Providência que Miroel Silveira se encaminhasse para o magistério universitário. Nele, não obstante as dificuldades de sua vida particular, cumpriu todas as determinações da nova carreira, conquistando os títulos exigidos. Para a Escola de Arte Dramática da USP levou uma vivência muito rica, que deve ter sido de bastante utilidade a seus alunos e colegas. Nos últimos anos, dedicou-se, na Universidade, à arte de direção teatral como

professor e "metteur-en-scène". Por sinal que do seu desejo de continuar a dirigir o Teatro Universitário, após a sua aposentadoria como professor da USP, derivou o seu maior desgosto na fase que antecedeu ao seu falecimento. A negativa ao seu anseio o magoou consideravelmente.

Até este ponto, de maneira muito esquemática, tentei dar uma visão de minhas relações com Miroel Silveira e um bosquejo de sua carreira. Mas afinal de contas: o que *significou* Miroel Silveira? A sua vocação, disse-me ele algumas vezes, era a agronomia, a vida no campo, como a de alguns dos seus ancestrais. Realmente, seu amor à Natureza era mostrado, de modo saliente. Nunca tive notícia de tão grande saboreador de banhos de cachoeira! Essa vocação fora desviada pelas tradições sociais e familiares e Miroel acabou por seguir o estudo do Direito. Seu amor ao Teatro também colidia com a sua inclinação naturalista. Queixava-se do ambiente fechado dos teatros, do mofo dos bastidores, que o adoeciam. Era propenso à asma, mal que estigmatizava alguns dos Silveiras.

Creio que apesar de ter estreado como contista e realizado a maior parte do seu trabalho literário, no campo do conto, o seu sonho como escritor era a dramaturgia. Escreveu uma peça, em que colocou muitas esperanças, mas nunca uma companhia teatral apareceu para montá-la, e ele nunca a impôs aos seus associados. Tendo dado tanto de si mesmo ao Teatro, Miroel não *cobrou* uma compensação, que seria constituída pela representação de uma das suas peças. Leviano ou sófrego, uma vez Miroel apressadamente escreveu e montou uma comédia, que visava a exploração de um modismo: "os dez mais..." A peça intitulava-se "O Casal Vinte". Artificial, sensaborona, a peça foi um fracasso, em todos os aspectos.

Contista, crítico de Arte, dramaturgo, diretor de teatro, historiador, professor, inspirador de grandes empreendimentos... A tantas atividades se dedicou o arlequinesco Miroel Silveira! Mas imagino que o traço que mais o marcou como intelectual - um dos mais idealistas e realizadores - foi a sua essencial cordialidade, que impregnava todos os seus feitos. A ligação ao povo, aos humildes, sempre esteve presente nas suas idéias artísticas. Defendeu o circo, valorizou a capoeira, com a qual realizou espetáculo original e interessante. Parecia que à medida que os anos passavam, Miroel ia cada vez mais aprofundando suas raízes no terrunho? Tenho a impressão de que esse filho do grande autor de OS CABOCLOS e descendente dos fundadores da cidade de Silveiras, procurava uma simplicidade tipicamente caipira. Evidentemente admirador dos tropeiros na nossa história social e econômica, é natural que os estudiosos desse aspecto do nosso passado, hoje o homenageiem.

Filiado à confraria católica dos negros da Igreja do Largo Paissandu em São Paulo, esse herdeiro da aristocracia, sobretudo da nossa aristocracia cultural, buscava a salvação pela humildade. Na época do Natal, infalivelmente nesse templo montava um "presépio vivo", representado pelos membros da Irmandade com muita devoção.

A esse amigo, devo muito. Sem ele, sinto-me mutilado. Sendo Miroel tão rico de talento e dinamismo que conservou até o fim, como pude ver uma palestra brilhantíssima, de improviso, que realizou num departamento da Universidade e que teria deixado de queixo caído as reverendíssimas autoridades da USP, se a tivessem ouvido, que lhe ficou faltando especialmente? Creio que uma obra teatral da categoria de Nelson Rodrigues e Jorge Andrade. Qual a razão dessa insuficiência? Como se poderá ver pelo esboço biográfico discreto mas verídico que aqui deixei, o nosso amigo possuiu as melhores qualidades mas se frustrou no plano do sentimento. Frustrou-se? Ele achava que não. Estava seguro de que a fidelidade ao autêntico na vida era superior à dedicação mística à Arte. Não lamentava o fato de não se ter votado inteiramente à carreira artística. Afirmava, convicto, o primado da vida sobre o sacerdócio intelectual.

Cheio de títulos universitários, ele viveu e morreu, especialmente dedicado aos pobres e aos obscuros.

Sua existência tão movimentada, tão realizadora, mas sem alcançar o auge estético que esperávamos de seu espírito, fez-nos refletir sobre a harmonização imperfeita que parece existir entre a grandeza e a fatalidade humana.